

RESPOSTAS DA ENTREVISTA

A presente entrevista realiza-se no âmbito da tese do Mestrado em Empreendedorismo e Serviço Social na Universidade da Beira Interior, e tem como objectivo a recolha de informações acerca dos *Empreendedores Sociais: Benefícios das Associações Imigrantes para a Comunidade Local*. Solicitamos a vossa colaboração a todos os níveis na realização desta entrevista, que destina-se única e exclusivamente a servir os propósitos estabelecidos na tese.

- Entrevista feita ao vice-presidente da Associação Unida e Cultural

Características pessoais do entrevistado:

1. Nome: Humberto Santos
2. Sexo: Masculino
3. Data de Nascimento: 5/10/1958
4. Estado civil: Solteiro
5. Nacionalidade: Sãotomense
6. Local de residência: Urbanização Terraços da Ponte
7. Habilitação Escolar: Bacharel
8. Profissão: Medidor Orçamentista da Construção Civil
9. Data de chegada a Portugal: Novembro/1979

QUESTÕES:

1. A Associação Unida e Cultural da Quinta do Mocho nasceu em 1993 mas só em 1995 viu o seu estatuto reconhecido. O surgimento desta associação deveu-se ao facto de as pessoas que viviam no antigo bairro serem na sua totalidade imigrantes do PALOP – Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa - e na altura éramos considerados como «marginais» que assaltaram um determinado bairro. Na altura havia comissões de moradores que mais tarde fundiram-se e constituíram esta associação. Portanto, tomamos essa iniciativa de formar esta associação em defesa das pessoas que viviam e vivem no bairro. Houve muitos problemas que tivemos que enfrentar, tivemos que ir até Bruxelas para expor os nossos proble-

mas. Esta iniciativa deveu-se a pressão que nós tínhamos em relação a população de Sacavém e das autoridades que nos via como «marginais», como indivíduos que estavam a violar um espaço que não pertencia-lhes. Portanto, congregamos os nossos esforços no sentido de criar uma associação em defesa aos indivíduos do PALOP. Mas essa associação para ser criada teve apoios a nível de personalidades públicas ligadas ao Partido Socialista - PS, isto é, os verdadeiros democratas que deram-nos força para criarmos esta associação.

2. A nossa associação tem como principal missão trabalhar com a população, defender os seus direitos em relação a várias entidades, problemas sociais, jurídicos e problemas do próprio bairro que, de vez em quando, torna-se pouco polémico. Nós tentamos, junto a instituições como a Câmara Municipal de Loures e Junta de Freguesia de Sacavém para, juntar esforços na resolução destes problemas. Também estamos virados para eventos culturais relacionados com as comemorações das Independências, das Lutas Armadas e outras datas significativas relacionadas com o PALOP. Resumindo, tentamos ajudar a população residente na Urbanização Terraços da Ponte a resolverem os seus problemas do dia-a-dia, problemas relacionado fundamentalmente com a integração.
3. Esta associação é composta por várias pessoas que são trabalhadoras e nas suas horas vagas dão o seu melhor para a associação. Trabalhamos na associação como voluntários e procuramos ao máximo dar respostas aos problemas existentes no bairro.
4. Esta associação tem uma estratégia semelhante a outras associações imigrantes. Portanto, vamos criando estratégias. Passamos da fase em que vivíamos no bairro velho (Quinta de Mocho), onde tínhamos problemas com a iluminação, saneamento básico, problemas com os lotes e com os moradores em termos da legalização, estou a falar na fase de 1995 à 1999. Trabalhamos arduamente com as questões relacionadas com o realojamento que começou o processo em 2000 e terminou em 2001 com muito êxito. Depois de ultrapassar estes problemas, passamos para outros em colaboração com a Câmara Municipal de Loures e da Junta de Freguesia de Sacavém. Nesta actual fase, com o fim do bairro velho, a associação teve que criar outras estratégias, algumas acções ficaram para trás porque

foram resolvidas e partimos para a melhoria das condições de vida dos residentes da nova Urbanização. Preocupamos mais com as questões organizativas como os serviços que são fornecidos ao bairro e questões relacionadas com a utilização dos fogos, rendas das casas, situações relacionadas com o emprego e documentação porque o processo de realojamento veio melhorar substancialmente a questão da documentação para muitos moradores. Portanto, neste sentido, fazemos um diagnóstico das necessidades e actuamos de acordo com as necessidades. A nossa estratégia vai sempre de encontro com os nossos parceiros directos porque, expomos-lhes as nossas preocupações e as nossas necessidades e tentam resolver.

5. Nós, o corpo directivo, não mandamos na associação, só executamos as actividades. Temos uma Assembleia Geral que, reúne periodicamente, toma as decisões quanto aos problemas relacionados com o funcionamento da associação como o planeamento das actividades e o cronograma temporal. No entanto, temos um presidente e o seu corpo directivo que vai coordenar tudo isto, no sentido de fazer funcionar a associação.
6. Nós temos situações de várias ordens, principalmente, sociais como a delinquência, a saúde, a realização de funerais, a documentação – pessoas que estão ilegais ou que deixaram os documentos caducarem, pessoas que têm problemas com a Câmara Municipal de Loures porque viviam numa casa que era de um familiar do qual ele também fazia parte do agregado familiar mas que já não reside no país e a Câmara quer retirar a casa. Os económicos são: a água, electricidade e emprego. Muitas vezes os problemas são colocados em primeiro lugar a Câmara de Loures. E nestes casos, a Câmara contacta-nos para inteiramos destes problemas e só depois, a Câmara Municipal ou outra instituição competente resolvem o problema, caso não esteja no nosso alcance faze-lo. Quando as pessoas aparecem com os seus problemas, reunimos para os analisar e depois fazemos o trabalho no sentido de encaminhar estes mesmos problemas às instituições a que está relacionada.
7. Os imigrantes que procuram esta associação são da comunidade de PALOP. Aparecem pessoas de todo tipo. No bairro temos pessoas de todos os níveis culturais e académicos. Os analfabetos são pessoas com uma certa idade e constitui uma

minoria porque não tiveram a oportunidade que os jovens têm hoje. Refiro a jovens de (30-40 anos) porque depois das independências tiveram muitas oportunidades de se lançarem obtendo hoje níveis de formação como médio, superior e doutoramentos. Todos eles colocam problemas e nós encaminhámos essas pessoas, segundo os seus pedidos, para órgãos competentes.

8. Nós temos vários contactos com a Polícia de Fronteira e com a PSP- Polícia de Segurança Pública, para terem uma actuação mais moderada em relação às pessoas que vivem cá no bairro, com o ACIDI - Alto Comissário para a Imigração e Diálogo Intercultural, algumas instituições e associações com objectivo de integrar esses imigrantes.

9. Esta comunidade tem vários problemas e como por exemplo a integração em si. A necessidade de um são-tomense é igual a um cabo-verdiano ou um guineense. As pessoas quando procuram um emprego têm muitas dificuldades por causa do bairro de onde vêm. Assim que as empresas reconhecem o bairro Urbanização Terraços da Ponte e o associam a Quinta de Mocho, as empresas são capazes de referir que o lugar já está ocupado. Infelizmente nós não costumamos intervir nestes casos porque são coisas omissas e não oficiais. Embora a Quinta de Mocho não seja tão feia como se pinta, ficamos com esta fama o que dificulta a integração das pessoas ao nível do trabalho. Também enfrentam dificuldades de várias ordens e carecem de apoios sociais que muitas vezes temos que interferir para o conseguirem. Sabe que Portugal tem uma cultura, um pouco (...), embora tenha convivido com as suas colónias durante 500anos, as pessoas «fingem» que gostam de nós, que somos uns coitados (embora sabemos disso) mas tenta-se ultrapassar tudo isso não respondendo a provocações. A gente trabalha lindamente com esses imigrantes no sentido de os integrar como deve ser para que não sintam excluídos da sociedade. Em termos da integração temos feitos várias actividades para crianças como ATL- Actividade de Tempos Livres que funciona num dos lotes do bairro e tem a sua parte estrutural na Casa da Cultura de Sacavém, o projecto ESPERANÇA onde se realizam actividades para crianças e jovens, e temos uma sala com meios informáticos com objectivo de, nas férias, ocupar os seus tempo livres e assim não desviarem para outros caminhos menos próprios.

- 10.** Temos vários eventos e actividades que estão relacionadas com as comemorações e as festividades e têm, de certeza, seus benefícios para a comunidade. Porque nós, os imigrantes, temos filhos que nasceram aqui e se não fizermos isso, eles não terão, portanto, uma ligação em relação a terra dos seus pais. Eles não sabem, quem são ou o que fazem? Eles sabem que somos originários de A, B, ou C mas, concretamente, não sabem a história do seu país: dia da Independência e a cultura. Se nós não incentivarmos com essas actividades culturais, nunca saberão a cultura que está por detrás dos seus pais. Muitas vezes, temos que chamar a atenção deles para as comemorações importantes de Portugal porque são cidadãos nacionais mas estão totalmente a margem desta sociedade. Isto é feito com o objectivo de estarem inter-ligados nas duas culturas: a dos seus pais imigrantes e a sua própria cultura.
- 11.** Temos nesta associação um sector ligado a IEFP – Instituto de Emprego e Formação Profissional do qual está encarregue o Sr. Agostinho. Este sector trabalha no sentido de encaminhar as pessoas ao trabalho. Quem não tem trabalho tem procurado o Sr. Agostinho que faz contactos com as empresas, e encaminha essas pessoas mediante uma carta.
- 12.** Esta associação é composta por todas as nacionalidades do PALOP, isto é, Angolanos, Sãotomenses, Cabo-verdianos, Guineenses. Os moçambicanos são muito poucos aqui no bairro e por isso não são representados na associação. Isto deve-se a situação geográfica de Moçambique preferindo imigrar para outros países como a África do Sul. Em relação aos sãotomenses, posso dizer que é uma das maiores comunidades do bairro. Nós aqui, trabalhamos para todas as comunidades que nos solicita ajuda. Por exemplo, vamos no mês de Julho comemorar as independências de Cabo-Verde e de S.Tomé e Príncipe em conjunto para fazer com que estas duas comunidades sentissem que a ligação entre estes dois países está viva.
- 13.** Em partes, embora seja mais o senhor presidente José Queta quem o faz. Só na sua ausência é que intervenho mais.

- 14.** Não, porque a associação não tem fins lucrativos e sobrevivemos com aquilo que temos. São apoios de pessoas exteriores a associação e da nossa comunidade que contribuem com pequenas quotas mensais. Vamos vivendo assim, com o pouco que temos.
- 15.** Esta associação é composta por elementos voluntários qualificado que dão o seu melhor por esta associação. São pessoas capazes, interessadas no desenvolvimento da associação que dão o seu contributo sem contrapartidas. Não vêm com o objectivo de tirar dividendos da associação, isto é muito importante para nós, para uma associação que tem essas características. É claro que, quando temos muito trabalho, propomos a Assembleia Geral no sentido de compensar aquele indivíduo com alguma coisa (pode ser ou não monetária) pela perda de tempo que, para além das horas normais, empregou na associação. Nesta associação, trabalham um conjunto de pessoas ligadas à cultura e ao desporto e a outros eventos. Portanto, essas pessoas, normalmente passam tempo esporádico na associação mas, se tiverem que passar 10 ou 12 horas fazem-no sem qualquer problema. Por exemplo, há organizações que nos solicitam uma participação a nível cultural. Quando isto acontece, as pessoas que estão ligadas a esta área organizam-se na associação e trabalham neste sentido. Normalmente, os elementos da direcção trabalham mais aos fins-de-semana porque nos dias da semana nós trabalhamos. Nesses dias só estamos na associação das 18 horas às 22horas.
- 16.** Em relação aos recursos matérias temos muitas dificuldades em aquisição de aparelhos tecnologia de informação. Temos, contudo, alguns computadores para aprendizagem dos nossos sócios; fax e telefones mas que são obsoletos. Vamos agora pedir um apoio neste sentido. Pese embora, estas dificuldades de materiais temos vindo a trabalhar.
- 17.** Esta associação já tem alguns anos. Portanto, já tivemos vários líderes associativos do qual alguns tiveram outras missões e outros através de eleições tiveram que afastar. Actualmente, temos o líder associativo que é Sr. José Queta tem trabalhado arduamente dentro da compreensão de todos e achamos que é competente.

- 18.** As decisões são tomadas pelo órgão máximo na associação que é a Assembleia Geral que é constituída por um presidente, um vice-presidente e um secretário. A Assembleia é reunida quando os motivos o justifiquem.
- 19.** Convoca-se a Assembleia Geral que é constituída pelos membros associativos que são as pessoas que pagam as quotas. Nela, há uma coordenação presidida pelo presidente e assim os associados votam na lista que mais lhe agrada. E na «cabeça» de cada lista, está um indivíduo que será o próximo presidente da associação quem terá a incumbência de eleger outros membros com quem quer trabalhar.
- 20.** As vezes fazemos solicitações aos nossos associados para ajudar-nos em determinadas campanhas de solidariedade a nível de saúde, de materiais escolar para pais que não têm condições de manter folhos na escola. Tem havido respostas mínimas porque, como sabe, nós também somos imigrantes, não temos grandes posses e vivemos no país mais pobre da Europa onde os imigrantes trabalham para sobreviver e não para levarem dinheiro para o seu país de origem. As pessoas tentam ajudar minimamente mas em termos mais alargado vejo que esta solidariedade é pouca. Há mais solidariedade presencial, de inter-ajuda, moral e não em termos matérias.
- 21.** A nível empresarial tenho trabalhado em termos burocráticos e técnicos porque estou ligado a construção civil. Quanto a minha participação na associação, tem mais a ver com o motivo da luta para a criação desta associação desde 1993. Depois desliguei-me dela em 1998 e até agora que regressei porque fui solicitado para estar presente na associação na qual respondi positivamente. A minha ligação com o movimento associativo tem haver mais com política porque fui uma pessoa que trabalhei muito na política de oposição aquando dos governos que nasceram nos pós 25 de Abril. Desde muito novo que fui sempre solicitado para estar presente em associações juvenis e mais tarde como estudante em Portugal estive em movimentos contra o governo de Dr. Manuel Pinto da Costa (o ex-primeiro ministro do partido único que governou S.Tomé e Príncipe durante

15anos). Tudo isto fez com que ganhasse um gosto por causas sociais em que acredito.

22. As associações empresariais funcionam mais como objectivo de dar lucro e quem trabalha nelas são empresários ou pessoas que têm condições financeiras para a manutenção da própria associação. Enquanto esta associação é constituída por pessoas com bom senso e que tentam lutar para defender a causa da comunidade, que não tem fins lucrativos, ninguém investe capital, as quotas são pagas mais com muitas dificuldades. Já nos clubes dos empresários as coisas são muito diferentes.
23. Esta associação tem pequenas ajudas. Não tem, portanto, um fundo próprio. Do governo vem directamente do ACIDI que tem um programa de investimento para as associações imigrantes. Para obter este apoio as associações são obrigadas a candidatar como os seus projectos que são avaliados e posteriormente financiados mas apenas uma percentagem do valor global o projecto. É com este valor atribuído que normalmente são dados em tranches. A dependência financeira desta associação é gigantesca. Temos um plano anual para cumprir e fazemos os possíveis para cumprir. Para isso, recorreremos algumas instituições que são nossos parceiros directos que neste momento são três e outros que pontualmente nos apoiam nas realizações de actividades pontuais. Os nossos parceiros são ACIDI - *Alto Comissariado para Imigração e Dialogo Intercultural*, Câmara Municipal de Loures, Junta de Freguesias e as Embaixadas de S.Tomé e Príncipe, Cabo-Verde e Angola que nos têm apoiado em algumas actividades pontuais. Também temos apoios que vêm do privado que são apoios pontuais que não são muitos significativos mas que contribuem. Quando falamos nos apoios é preciso não nos esquecermos que para realizar uma determinada actividade, não é só os apoios financeiros, há apoios humanos, materiais que contribuem portanto para realizar uma determinada actividade. As vezes, apostamos mais no privado para conseguirmos apoios materiais para cobrirmos algumas despesas ligadas ao projecto. O que eles nos dão teremos que saber gerir até o término do ano.
24. Acho que a principal barreira que encontramos na associação, pelo menos a nível do nosso trabalho, é financeira porque sem dinheiro não se faz nada. Com míni-

mo que temos lutamos para pôr tudo em dia. Com esta carência não podemos por exemplo implementar um sector em que possa estar alguém sempre presente na associação no sentido de responder a todas as questões da população. Muitas as vezes, não podemos estar presente porque temos uma outra ocupação e somos voluntário. Mas, se tivéssemos dinheiro, estaria lá alguém permanente e com seu salário. Portanto, esta é uma das barreiras e a fundamental que nós enfrentamos.

25. Há viabilidade económica, caso contrário fechava-se as portas. Trata-se neste caso de uma capacidade que a associação tem para fazer uma gestão eficiente. Com pouco que possuímos fazemos os possíveis para saber geri-lo. Nós a nível de receitas, temos muito poucas feitas aqui no espaço. Falo de algumas contribuições de sócios em termos do pagamento de quotas, alguns serviços informáticos que com a boa vontade dos elementos da direcção que dão o seus préstimos a população que é gratificado com algum valor simbólico, e alguns serviços que a associação presta a toda a população, fá-lo mais de uma forma mais abrangente, não só aos sócios, como também na comunidade residente na Urbanização Terraços da Ponte, que sempre contribuiu a nível financeiro para actividades realizadas. Como as contribuições são pequenas, para nós realizamos uma ou outra actividade, temos que recorrer propriamente aos nossos parceiros directos, aos apoios que são anual ou pontual que é cedido a associação para implementar nosso plano de actividade anual.

26. Do governo não temos nada. Nenhum governo nos apoiou ou nos apoia financeiramente. As instituições que nos apoiam são: Câmara Municipal de Loures e Alto Comissário para a Imigração e Diálogo Intercultural têm nos dado apoios, que eles julgam necessário para a realização de projectos, mas não é muito significativo. Mas, a nível dos governos quer do PALOP ou quer de Portugal, não recebemos nada.

27. As associações funcionam não diria em sintonia mas sim em parcerias com outras associações congéneres. Varias vezes, quando temos eventos, contactamos essas associações para pedir o seu apoio. Também temos com a Junta de Freguesia de Sacavém. Temos aqui no bairro uma pequena Igreja Católica que serve a

todas as comunidades e o Padre Valentim tem nos dado muito apoio moral e ajuda-nos a enterrar os mortos.

28. Em relação as contas temos, portanto, o nosso órgão interno que é o Conselho Fiscal que tem a competência examinar, sempre que for conveniente, a escrita e toda a documentação da associação, emitir parecer sobre relatórios e contas do exercício. Ele é composto pelos seus membros efectivos que são: um Presidente e dois vogais.

29. Por se tratar de uma associação sem fins lucrativos, não quer dizer que não têm contas. Essas contas têm que ser apresentadas no Alto Comissário para a Imigração e Diálogo Intercultural que avalia aquilo que fizemos ou não, e também no primeiro trimestre de cada ano renú-se a Assembleia Geral para a avaliação do cumprimento do programado não esquecendo dos nossos parceiros financeiros que também têm, a tempo útil, o relatório de toda as actividades realizadas com os seus apoios.

Obrigado pala sua colaboração

Anexo III - Estatuto